

## **Tecendo inclusão: uma abordagem sobre a Cultura Africana** *weaving inclusion: approach on African Culture*

Camila Carmona Dias<sup>1</sup>

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/Campus Erechim. Brasil.*  
Endereço de e-mail. [camila.dias@erechim.ifrs.edu.br](mailto:camila.dias@erechim.ifrs.edu.br)

Luciana Angelita Machado<sup>2</sup>

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/Campus Erechim. Brasil.*  
Endereço de e-mail. [luciana.machado@erechim.ifrs.edu.br](mailto:luciana.machado@erechim.ifrs.edu.br)

Resumo. Este artigo tem como objetivo geral apresentar os resultados obtidos em uma pesquisa realizada visando à educação inclusiva para deficientes visuais, além de um resgate da memória histórica da cultura africana, reiterando a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Tendo em vista os aspectos observados, a pesquisa disponibiliza novas experiências e contribui para uma melhoria do ensino nas disciplinas de Materiais e Processos Têxteis e História da Indumentária.

Palavras chave. Educação inclusiva; cultura africana; tecelagem manual.

Abstract. This article aims to present the overall results of a survey aimed at inclusive education for the visually impaired, and a rescue of the historical memory of African culture, stressing the inseparability of research, teaching and extension. Considering the features observed, the research offers new experiences and contributes to a better education in the disciplines of Materials and Process Textiles and History of Clothes.

Keywords. Inclusive education; African culture; handloom weaving.

## **INTRODUÇÃO**

A educação é por excelência uma oportunidade dos sujeitos aprenderem sobre o valor da cultura, e manterem contatos com as diferentes práticas culturais. A instituição de ensino é um dos espaços relevantes nesse processo, mas nem sempre isso ocorre na perspectiva da valorização e respeito dos valores e expressões culturais dos sujeitos nela envolvidos. Embora o Brasil seja mundialmente conhecido por seu caráter pluri e multi cultural, nem sempre a diversidade é contemplada em sala de aula, apesar das instituições de ensino serem composta por negros, brancos e índios. A multiculturalidade, segundo Fanon (1979), deverá romper com o estatuto colonial, instituído no contexto da escravidão, pois, sem essa quebra de paradigma não há maneira de se realizar uma educação diferente.

As Diretrizes Curriculares Nacionais propõem a educação das relações étnico-raciais, uma reeducação das relações entre negros e brancos, o que depende de um conjunto entre os processos educativos escolares, políticas públicas e movimentos sociais, visto que mudanças culturais não se limitam às instituições de ensino. O que

<sup>1</sup> Professora de História da Moda, Antropologia e Sociologia da Moda, e Semiótica do Curso de Tecnologia em Design de Moda do IFRS. Bacharel em Moda, Especialista em moda: produto e comunicação, Mestre em Educação pela UPF.

<sup>2</sup> Professora de Materiais e Processos Têxteis, e Gestão Ambiental e Ecodesign do Curso de Tecnologia em Design de Moda do IFRS. Graduada em Química, Especialista em Engenharia Ambiental, Mestre em Engenharia, Doutoranda em Engenharia pela UFRGS

se pretende é que o ensino de história, como os das demais disciplinas, desencadeie um processo de reflexão comum aos discentes e docentes e torna imprescindível a compreensão da luta contra o racismo dentro de uma dimensão histórica. Não se trata de mudar o foco etnocêntrico marcadamente europeu para outro africano, mas sim de ampliar o foco dos currículos para a diversidade cultural e socioeconômica.

Neste sentido, esta sendo atribuído ao ensino básico a responsabilidade de acabar com o reducionismo escravista que envolve a identidade das populações negras, e iniciar o reconhecimento destes na participação da construção das culturas brasileiras. Complexo em sua composição multiétnica e pluricultural, as organizações de ensino no Brasil devem compor o espaço de garantia aos direitos de aprender e ampliar o conhecimento sobre si mesmo. Assim, a história ensinada é um elemento formador de memória coletiva, cria noções de grupos, tempo, espaço e, portanto, torna-se uma produção de discurso identitário.

Os termos negros e africanos constituem até então, sinônimos de um povo, cuja identidade é ter sido escravo. A mesma ideia refere-se a África, desprovida de identidades. Não levado em consideração que é composta por povos diferentes e diversas culturas, marcada por uma diversidade ecológica que exigiu de seus habitantes respostas diferentes para garantir a sua integração e sobrevivência. O que ocorre é uma naturalização da escravidão como um fenômeno histórico, econômico e cultural derivado da história europeia.

Parece fundamental desvincular a história das sociedades africanas da história eurocêntrica. Abandonar a ocultação sistemática da história africana resultado da discriminação a que foi submetido o negro na Idade Moderna como povos inferiores, bárbaros e primitivos. As manifestações das culturas negras africanas e afro-descendentes são as expressões da resistência à dominação exercida pela ideologia discriminatória que despreza estas culturas.

A historiografia deve se pautar em um trabalho a evitar uma história linear e eurocêntrica. Análise de temas como racismo, intolerância religiosa e cultural deve estimular o discente a perceber-se como sujeito histórico em sua condição de vida e suas heranças culturais. Sendo que conhecimento histórico deve ser mostrado como uma construção.

Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Artigo 26 A, acrescido pela Lei nº 10639, determina, nos estabelecimentos de ensinos fundamental e médio, a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura afro-brasileira (BRASIL, 2003). Ao regulamentar a aplicação desta Lei, o Parecer 3/04 do Conselho Nacional de Educação, estabelece que a relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileiras e africanas não se restringem à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se como cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluri étnica, capazes de construir uma nação democrática (BRASIL, 2004).

Pode-se dizer que o paradigma da inclusão é, justamente, tornar a instituição de ensino um ambiente agradável para convivência entre todas as culturas e capacidades. Neste estudo o foco principal foi vincular o estudo da cultura africana na disciplina de História da Indumentária com a inclusão de discentes com deficiência visual, trabalhado na disciplina de Materiais e Processos Têxteis com a confecção de padronagem com toque diferenciado. A partir dos resultados obtidos foram confeccionadas mini indumentárias e padronagens para cada tribo. As

padronagem foram feitas com diferentes texturas que possibilitam a percepção sensorial pelo tato de indivíduos com deficiência visual. Desta forma este trabalho, disponibiliza novas experiências e contribui para uma melhoria do ensino, reiterando a indissociabilidade entre pesquisa e ensino, reafirmado pela criação de um novo viés metodológico nas disciplinas trabalhadas.

## **METODOLOGIA**

A busca pelo conhecimento pode ser feita de diversas maneiras, e essa diversidade se dá porque o ser humano se encontra em constante desenvolvimento, ou seja, possui um inacabamento. Assim, o ato de conhecer e de buscar é próprio do homem. Um indivíduo, ao enfrentar problemas, procura identificar soluções e, nesse enfrentamento, produz conhecimentos. Por isso, o labor científico caminha sempre em duas direções: um caminho é voltado à elaboração de teorias, métodos, princípios e estabelecimento de resultados; o outro inventa, valida seu caminho, abandona algumas vias e conduz-se para algumas direções privilegiadas. Ao percorrer tal caminho, os pesquisadores “aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído” (MINAYO, 2010, p. 12).

A pesquisa possui natureza qualitativa e exploratória. É qualitativa na medida em que trabalha com um universo de significados, com a subjetividade, tratando-se de uma atividade da ciência, que visa à construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2010). A presente pesquisa é, também, exploratória porque busca proporcionar maior familiaridade com o assunto. Segundo Gonsalves (2003, p. 65) a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Possui como objetivo tornar o problema mais explícito ou facilitar a construção de hipóteses. Esse tipo de pesquisa tem como principal objetivo o aprimoramento ou a descoberta de intuições, novas ideias.

Para o desenvolvimento do trabalho, foi realizado primeiramente uma revisão bibliográfica sobre a cultura a e a indumentária africana, mais especificamente uma pesquisa visando a compreensão da cultura da África Oriental com as etnias: nubas, maasais, samburus, turkanas e pokots. Posteriormente foram confeccionadas mini indumentárias africanas dos povos estudados (nubas, maasais, samburus, turkanas e pokots). Tais miniaturas foram representadas em bonecas estilo barbie possuindo, assim, todos os aparatos e acessórios condizentes com tais culturas. Houve a escolha das indumentárias a serem reproduzidas, logo em seguida foi realizada interpretações e a montagem/costura das peças (mini indumentárias).

Embasado nos resultados obtidos da revisão bibliográfica e da confecção das indumentárias foram confeccionados tecidos com padronagens africanas, dos povos estudados, em teares de padronagens manuais. Tal metodologia, voltou-se a utilização de fios, tecidos, rendas, fitas, entre outros para a obtenção de tecidos com texturas diferenciadas voltadas as percepções táteis, ou seja, buscou-se a

percepção sensorial pelo tato de indivíduos com deficiência visual. Foram utilizados efeitos ou fios diferentes para o fio no sentido da trama e do urdume, além da diferenciação das cores que possuíam efeitos diferenciados em cada cor, com fácil percepção pelo tato.

## RESULTADOS

Nesta etapa será apresentado o resultado da pesquisa sobre a cultura e a indumentária da cultura africana, bem como a mini indumentária e os trabalhos realizados com ênfase na educação inclusiva.

### Cultura Africana

A cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. Os seres humanos, por meio da cultura, estipulam regras, convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos. Por meio da cultura eles podem se adaptar ao meio, mas também o adaptam a si mesmos e, mais do que isso, podem transformá-lo. Segundo Rodrigues (1986, p. 11), a cultura é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Esse mapa é puramente convencional, e por isso não se confunde com o território. Ele é uma representação abstrata do território, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo.

Dessa forma, ao refletir sobre o que é viver em sociedade e produzir cultura, entender a complexidade dessa situação: significa que viver sob a dominação de uma lógica simbólica e que as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência. Analisando as tribos, antes da colonização branca, observa-se que eram agrupamentos populacionais de cultura muito rica, onde os anciãos eram seus líderes naturais, escolhidos por serem os portadores de uma grande sabedoria (inclusive porque a cultura de suas tribos é predominantemente oral, ou seja, como sua história não constava em livros, são os idosos os verdadeiros portadores da história de seu povo). A natureza era tratada com respeito e o homem se enxergava como parte de um todo, não como um ser superior com o direito de explorar o que quisesse sem a menor responsabilidade. São mais de cinquenta tribos presentes no Quênia, divididas entre sete etnias distintas. Nestas tribos, a divisão do trabalho destinava às mulheres a agricultura e a pecuária (apenas para própria subsistência), os afazeres domésticos, o abastecimento de água (juntamente com as crianças) e a culinária. Aos homens cabia unicamente à caça, enquanto que a educação das crianças era responsabilidade dos idosos.

Com relação a Cultura Africana, há um silenciamento quanto à riqueza cultural, pois os povos africanos, além de detentores de uma produtiva e vasta tradição oral, possuem fortes vínculos com a natureza e com os mitos ancestrais, conferindo uma forma diferenciada de racionalidade, que foge muitas vezes à razão ocidental. Quênia é um país diverso, cosmopolita, é por isso que não é difícil encontrar diferentes tribos que o habitam. As principais tribos africanas, destacam-se os maasais, samburus, turkanas, nubas e pokots.

Os Maasais ou Masai são a tribo mais famosa não só do Quênia, mas da África como um todo, são semi nômades. Devido aos seus costumes distintos e residência próxima aos parques de caça da África Oriental, eles se situam entre os grupos étnicos africanos mais bem conhecidos internacionalmente. Os maasais preservam muitas de suas tradições culturais, enquanto se engajam nas forças econômicas, sociais e políticas contemporâneas regionais e globais. A principal fonte de riqueza desse grupo é o gado, que serve como moeda, dote e acima de tudo constitui a base de sua religião. Sua sociedade é patriarcal por natureza, com os mais velhos decidindo sobre a maioria das questões para cada grupo maasai.

A organização social baseia-se num sistema etário, os jovens Maasai são iniciados na maioridade através de várias cerimônias de iniciação. Durante a infância os meninos aprendem a cuidar do gado e realizam tarefas simples no acampamento. Essa etapa termina na puberdade com uma cerimônia de iniciação que leva o adolescente ao estágio de guerreiro (*moran*). A época em que o jovem se torna um *moran* é considerado um período áureo, tempo de glorificação e embelezamento pessoal em que há aplicação regular de ocre vermelho e gordura animal no cabelo e no corpo, e a decoração do rosto e das pernas com motivos não simbólicos. Com a entrada da fase adulta, a vida do homem maasai torna-se séria e calma, seus cabelos são cortados, a cabeça raspada e tingida, e ele passa a se vestir com um simples cobertor industrializado. Seu dever é encontrar uma esposa, criar uma família e assumir responsabilidades (ANAWALT, 2011). As meninas maasais passam por variadas etapas. Ao atingir a puberdade (9 a 12 anos) uma menina pode ser tornar a “favorita” de um dos guerreiros, com direito a visitá-lo em seu acampamento. Porém, quando se aproxima a idade para se casar ela perde esse direito e, é submetida a uma cerimônia de circuncisão para extração do clitóris e dos pequenos lábios vaginais. O casamento ocorre ao final de um período de recuperação de seis semanas. As mulheres podem se casar uma única vez na vida, enquanto que os homens podem ter mais de uma esposa (se tiverem vacas suficientes para o dote, eles podem ter mais de uma ao mesmo tempo).

Enfim, com relação ao povo maasai, que nunca mudou o modo de vestir e manteve uma imagem de resistência cultural hoje explorada como um símbolo do Quênia combina mosaicos e cordões de contas e miçangas com o vermelho vibrante de suas roupas. Em todo o país se dá grande importância às joias, destacando a prática da arte das pérolas de cristal, onde os maasais são autênticos mestres. A cor oficial dos masai é o vermelho e se distinguem das outras tribos vestindo sempre alguma peça vermelha, porém pequena. São os “rapazes que têm cabelo comprido enquanto as moças usam cabelos bem curto ou o raspam totalmente” (ANAWALT, 2011, p.515). Ocasionalmente, os maasais compram tecido branco industrializado e o tingem com o pigmento mineral vermelho, normalmente usado na decoração corporal.

Outra tribo, da África Oriental, estudada é a nuba. A tribo Nuba habita a Montanha Nuba de Kordofan do Sul do Estado do Sudão. Embora o termo é usado para descrever a composição de um único grupo, os Nubas são vários povos distintos e falam línguas diferentes. “Entre os aproximadamente cem subgrupos em que se divide essa etnia, os nubas do sudeste aperfeiçoaram de maneira notável a arte da ornamentação corporal pela pintura”(ANAWALT, 2011, p.510). Os Nubas do sudeste são principalmente agricultores e formam um sociedade relativamente isolada e desprovida de classes sócias, com organização baseada na idade, assim os

membros da comunidade passam por uma série de estágios, de acordo com a idade, com papéis e comportamentos bem definidos.

Os nubas do sudeste admiram corpos jovens, saudáveis e atléticos, assim apenas os que exibem tais qualidades podem andar nus. Uma característica distintiva dessa etnia é a sua paixão pela competição de atletismo, luta particularmente tradicional. Os homens cultivam a luta corpo a corpo, sua paixão por excelência física também é exibido por vaidade, eles costumam passar horas pintando seus corpos com padrões complexos e decorações, cujo objetivo principal é homenagear e enaltecer o físico robusto. Antes de aplicar os pigmentos de ocre, os nubas lavam e depilam o corpo e o cobrem com óleo de amendoim, além disso raspam certas partes da cabeça para depois untar o cabelo com cera e tingi-lo. O uso de joias é comum, entretanto, não parece ter significado social. As moças usam argolas nos tornozelos e na cintura, além de ornamentarem o nariz com argolas e pinos. Os jovens de ambos os sexos usam pulseiras de couro incrustadas com pequenas peças de latão, colares de contas, além de usarem brincos ocasionalmente. Mas existe um acessório indispensável para ambos os sexos de todas as idades: o cinto. Seu uso é considerado essencial para uma aparência decente, e sua ausência é associada à nudez e à vergonha (ANAWALT, 2011).

Assim como os jovens do sexo masculino, as moças nubas, diariamente, cuidam de seus penteados e aplicam óleo e pigmentos coloridos no corpo. Pois, aparecer em público sem pintura corporal é considerado indecente e é um impedimento às interações sociais comuns. A aplicação diária de óleo e pintura no corpo prolonga-se até a primeira gravidez, quando é substituída pelo uso de roupas. Outro aspecto indispensável da beleza das jovens nubas é a escarificação. As primeiras cicatrizes são feitas antes da puberdade, logo em seguida outra série de cicatrizes são realizadas durante a adolescência, e a terceira após a maternidade.

A Figura 1 refere-se a indumentárias confeccionadas no projeto. Observando a Figura 1, à esquerda apresenta a indumentária feminina tradicional da tribo Maasai e à direita a ornamentação de jovens mulheres nubas. Na indumentária da tribo Maasai, há a representação de um manto vermelho transpassado, além de várias camadas de colares de contas, pulseiras e brinco. Enquanto que na imagem característica da cultura Nuba, visualiza-se que existe uma pintura sobre o boneca representando a pintura corporal de óleo e pigmentos realizados por tal etnia, nota-se, também, o cinto, acessório indispensável para ambos os sexos. Além disso existem as argolas nos tornozelos e as escarificações no torso, que são extremamente doloridas, principalmente as realizadas após a maternidade.



Figura 1: Indumentária feminina Maasai e ornamentação feminina Nuba.

Outras etnias estudadas foram as tribos Samburu, Turkana e Pokot. Todos são povos nômades e seus diferentes estilos e adornos refletem a organização social etária que predomina em toda a África Oriental. Em certas áreas, alguns grupos vivem próximos uns dos outros compartilhando, assim, convenções de ornamentações, porém são cultural e linguisticamente diferentes (ANAWALT, 2011). Nenhuma das três culturas tem vestuário ou ornamentação cerimoniais.

Os Samburus assemelham-se aos maasais na língua, costumes e indumentária. Essa tribo é uma gerontocracia (governo ou sistema político baseado na autoridade dos anciãos). O poder dos mais velhos está ligada à crença na sua maldição, sustentando seu monopólio sobre arranjar casamentos e tendo esposas adicionais. Isto é feito à custa de homens solteiros mais jovens, cujo desenvolvimento até à idade de 30 anos se encontra num estado de suspensão social, prolongando o seu estado adolescente (SPENCER, 1965).

É comum no povo Samburu a prática poligâmica no casamento, o homem pode ter várias esposas. Os homens se adornam com colares, pulseiras e tornozeleiras, como os Maasais. Os membros da classe de idade *moran* (ou seja, "guerreiros") normalmente usam o cabelo em tranças longas, que raspam quando se tornam mais velhos. Pode ser colorida usando ocre vermelho. Seus corpos são, por vezes decorado com ocre, também. Não só apenas os homens samburus, como os pokots e turkanas visam uma ornamentação esparsa, que realça partes diferentes do corpo, valorizando, assim, os contornos naturais. No entanto, são os penteados os principais indicadores de status entre os homens. Em relação ao vestuário os samburus e turkanas preferem cores vivas, principalmente o vermelho, enquanto os pokots usam trajes relativamente curtos de cores escuras (ANAWALT, 2011).

As mulheres samburus usam dois pedaços de pano azul ou púrpura, de uma peça em volta da cintura, o segundo envolvido no peito. Mulheres mantêm o cabelo raspado e usam colares e pulseiras numerosas. "Há uma tendência de alongar visualmente o pescoço com a ajuda de vários anéis de contas, ocasionalmente

empilhados desde a metade do peito até o queixo” (ANAWALT, 2011, p.519). Na última década, os estilos de roupas tradicionais mudaram. Algumas mulheres ainda usam dois pedaços de pano azul ou vermelho, mas tornou-se moda para vestir panos com padrões de animais ou florais em cores profundas. As mulheres também podem muitas vezes usam tops pequenos com seus panos, e saias xadrez também se tornaram comuns (STRAIGHT, 2005).

Embora possa haver variação nos detalhes, formas e funções básicas, existem alguns traços de pintura corporal comuns a toda região. Para os samburu, turkana e pokot, por exemplo é a prática de untar e pintar a parte superior do corpo, usada principalmente pelas moças. As jovens mulheres destas tribos, não iniciadas, usam sândalo africano vermelho; as mulheres pokots casadas preferem uma substância fuliginosa preta. Esses pigmentos são misturados com óleo ou banha e aplicados à cabeça e parte superior do corpo.

A Figura 2 apresenta as indumentárias tradicionais das tribos Turkana (à esquerda), Samburu (ao meio), e Pokot (à direita). As indumentárias confeccionadas em miniatura retratam os estilos exóticos das tribos supracitadas. A indumentária Turkana possui um manto enrolado ao corpo, com padronagem listrada e tons terrosos, o cabelo é curto e há o uso de adornos na cabeça e no pescoço, além de pulseira e tornozeleira. Já, a representação da vestimenta da tribo Samburu traz braceletes e colares de contas, além de um manto vermelho envolto no corpo, além disso, há representação de pintura corporal, nesse caso no rosto. As moças samburus usam vários círculos de contas que recebem de presente de seus admiradores. Idealmente essas joias devem ser sobrepostas até sustentar o queixo. Acredita-se que até os 15 ou 16 anos, as moças já devam ter quantidade suficiente que lhes permita receber um pedido de casamento (ANAWALT, 2011). Na terceira etnia, a pokot, a estética feminina privilegia os efeitos produzidos pelas cores e pelo volume. Os vestidos de pano substituem as roupas de costume, feitas com pele de animais. Uma característica bem demonstrada na imagem é a ênfase na decoração da cabeça e do pescoço. A função principal das joias, utilizadas pelas três etnias, parece ser realçar os sons e movimentos das danças.



Figura 2: Indumentárias femininas das tribos Turkana, Samburu e Pokot.

Percebe-se na imagem, uma exacerbação de adornos de contas, pois como em todas as sociedades africanas baseadas no sistema etário, o estilo da roupa e a



decoreção de contas indicam se uma menina já foi circuncidada ou se uma moça é casada. Assim, cada tribo relatada possui suas especificidades, entretanto independentemente das diferentes tradições culturais, a ornamentação corporal representa a principal forma de manifestação artística, principalmente através das vestimentas, entre as tribos da África Oriental.

### Padronagem e Educação Inclusiva

Nesta etapa do projeto, o foco foi os discentes com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino. Esta situação, tem sido sem dúvida, uma das questões mais discutidas no país, principalmente por estar amparada e fomentada pela legislação vigente (MORAIS, 2009). A preocupação com educação de pessoas com necessidades especiais no Brasil é recente (MAZZOTA, 1996).

A Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada na cidade de Jomtien, na Tailândia, em 1990, é considerado um marco importante na difusão da filosofia de Educação Inclusiva. A partir da qual se estabeleceu os primeiros ensaios da política de educação inclusiva; e a Conferência Mundial sobre necessidades especiais, que ocorreu na Espanha em 1994, resultando na elaboração da Declaração de Salamanca, onde a concepção de educação inclusiva substituiu definitivamente o conceito de educação especial (BISACCIONE; MENDES, 2008). No Brasil, o caráter de Educação Inclusiva foi implementado pela Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 (BRASIL, 1996), na qual se afirma que: “todas as crianças devem ser acolhidas pela escola, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais”. A definição de necessidade educacionais especiais, de acordo com Bueno (2001), não se restringe apenas a pessoas com deficiência, mas também a toda parcela da população que vem sendo historicamente excluída da escola e da sociedade. A inclusão efetiva dos discentes com necessidades especiais no ensino regular depende de ações que favoreçam a integração social, no qual as instituições de ensino devem se adaptar para oferecer serviços educativos de qualidade para todos.

Com relação aos sujeitos com deficiência visual, estes gostam de sentir-se incluídos, em qualquer quesito, quando o deficiente visual recorre a escolha de suas roupas enfrenta dificuldades, pois não há especificação de como este tecido é formado, qual a diferença em sua estrutura. Para contornar este problema surgiu a ideia de desenvolver amostras de tecidos planos em teares manuais. Estes tecidos foram feitos com texturas e toques diferentes para compor o fio de urdume e o fio no sentido da trama. Através, do toque os discentes com deficiência visual, conseguem formar seus conceitos e compreender a elaboração do tecido, ou seja, dessa forma, os discentes com deficiência visual ou qualquer outro, podem mais facilmente diferenciar a estrutura de formação do tecido plano, o fio do urdume e da trama, bem como o seu ligamento. A Figura 3, apresenta um tecido em tela confeccionado com fitas de tecido no sentido do urdume e fios de acrílico no sentido da trama, o tecido é característico do povo Maasai. Durante a pesquisa foram desenvolvidos outros tecidos utilizando-se de métodos diversificados, como por exemplo: fitas de tecidos com texturas diferenciadas no urdume ou na trama; utilização de tranças no urdume; utilização de vários “nós” durante a construção do tecido.

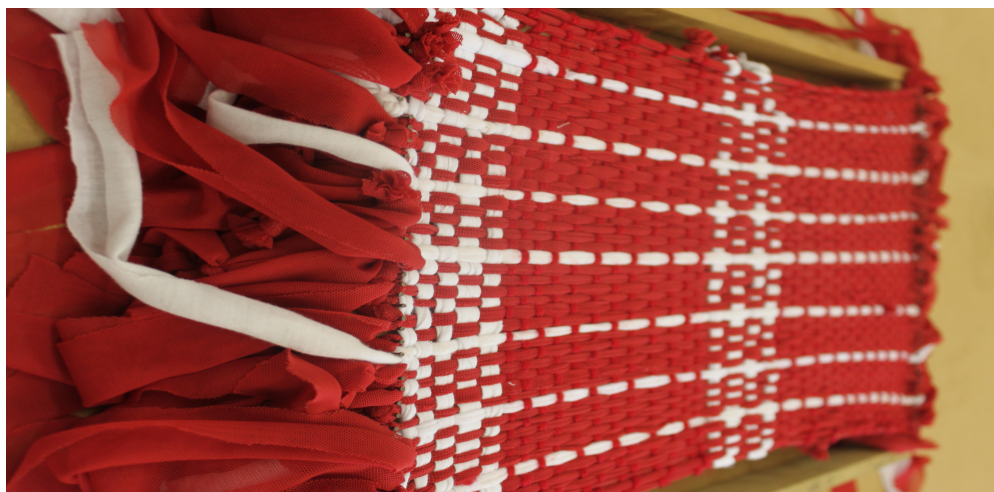


Figura 3: Tecido de tela com textura diferenciada.

## CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido permitiu uma verdadeira troca de experiências e saberes entre os envolvidos, demonstrando uma interdisciplinaridade entre as disciplinas de Materiais e Processos Têxteis e História da Indumentária.

Conclui-se que, com base nas pesquisas realizadas e nos resultados obtidos, que a cultura africana possui uma grande riqueza em detalhes, suas vestimentas possuem diversidades em cores, adornos e adereços, além de desempenhar um papel de extrema importância na construção social da identidade de cada etnia. É importante, também, salientar que cada cultura tem sua própria definição de vestuário, como no caso dos Nubas, que utilizam de pinturas e ornamentações corporais como forma de vestuário.

Em relação a educação inclusiva, esta se fundamentou na análise sensorial, através do toque, sendo possível fazer uma interação entre as disciplinas trabalhadas e os discentes com deficiência visual. Enfim, pode-se ressaltar que este trabalho foi um começo, para que novas ações sejam feitas e com uma abrangência que vá além das disciplinas de Materiais e Processos Têxteis e História da Indumentária, mas que extrapolem tais dimensões, para que futuramente haja uma maior integração entre o Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais - NAPNE e com o Núcleo de Estudos de Afro-brasileiros e Indígenas- NEABI, ambos em fase de estruturação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RS – Campus Erechim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAWALT, Patricia Rieff. A história mundial da roupa. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

BISACCIONE, P.; MENDES, E.G. Os desafios da transição da educação infantil para o ensino fundamental: como os professores lidam com um aluno com deficiência inserido em suas turmas? In.: ALMEIDA, M.A. (org.) Et al. Temas em educação especial: múltiplos olhares. São Paulo: Junqueira & Martins editores, 2008, p. 70-76.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BUENO, J.G.S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? 2001. Disponível em: Acesso em: 10 de out. 2011.

FANON, F. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Ed. Civilização, 1979.

GONSALVES, E. P. Conversando sobre iniciação à pesquisa científica. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2003.

MAZZOTTA, M.J.S. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. São Paulo, Cortez. 1996.

MINAYO, M. C. S. (Org.). O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. v. 29. p. 09-29.

MORAIS, D. P. P. Artes visuais para deficientes visuais: o papel do professor no ensino de desenho para cegos. V Encontro do Grupo de Pesquisa "Educação, Arte e Inclusão". Florianópolis/SC, 2009.

RODRIGUES, J. C. O tabu do corpo. Rio de Janeiro: Dois Pontos. 1986.

SPENCER, P. *O Samburu: um estudo da gerontocracia em uma tribo nômade*, Routledge e Kegan Paul, em Londres. 1965. Disponível em:<<http://etudesafricaines.revues.org/4989>> Acessado em: 07 de abril de 2013.

STRAIGHT, Bi Cutting Time: Beads, Sex, and Songs in the Making of Samburu Memory. p. 267-283, 2005.